

A Casa Nobre Rural dos Séculos XVI-XVIII no Concelho de Lousada

Rita Pedras*

Resumo

O presente artigo explora a realidade arquitectónica do concelho de Lousada no que concerne às habitações nobres dos séculos XVI a XVIII. A primeira parte do artigo que agora se publica, debruça-se sobre o Solar de Juste, a Casa da Bouça e a Casa do Campo, solares de estilo barroco, com características que lhes conferem unidade de estilo como a presença de pedras de armas, de escadarias e motivos decorativos com volutas ou folhas de acanto. Todos estes edifícios apresentam, no entanto, elementos de diferentes épocas, sendo essas características diferenciadoras de uma identidade que lhes determina a especificidade histórica que subsidia a própria história concelhia.

Abstract:

The present article explores the architectonic reality of the council of Lousada as far as the nobles' dwellings, from the XVI to the XVIII centuries, are concerned. The first part of the article is about Solar de Juste, Casa da Bouça and Casa do Campo, baroque style manor-houses, whose characteristics convey a unique style, such as the presence of arms stones, staircases and decorative motives with volutes or acanthus leaves. However, all these buildings present elements from different times, which confer them with differentiating characteristics of an identity that determines their historic specificity that supports the council's own history.

1. Introdução

O presente artigo pretende dar a conhecer e analisar a arquitectura civil para fins habitacionais da nobreza entre os séculos XVI e XVIII no território

que compreende o concelho de Lousada, estabelecendo pontos comuns entre as diferentes casas, fazendo sobressair os elementos recorrentes do tipo de arquitectura utilizado nos séculos aqui tratados, e que correspondem, grosso modo, na arquitectura

* Investigadora. Técnica Superior de História de Arte

civil portuguesa à corrente artística do barroco. Contudo, pelo carácter dos imóveis analisados, e pelo tipo de informações recolhidas, não há aqui lugar para a pretensão do estabelecimento rigoroso e científico de uma tipologia, mas, sim, de uma descrição exacta e pormenorizada de cada elemento que compõe as diferentes casas, depois de uma observação atenta de cada elemento *in situ*.

Este artigo é apenas um excerto do trabalho de seminário em História da Arte apresentado em Dezembro de 2004, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra com o título “A Casa Nobre Rural e Urbana dos Séculos XVI-XVIII no Vale do Sousa”, trabalho esse que nasceu motivado pelo facto na realidade artística e arquitectónica do Vale do Sousa merecer ser conhecida e analisada com todo o cuidado porque, não se pode esquecer, foi nesta região e à volta dela que começaram a aparecer os primeiros solares nobres aquando da fundação da nacionalidade. Os mesmos foram edificados a mando dos principais elementos da nobreza portuguesa, que se proliferaram de geração em geração e que possibilitaram as mudanças de algumas casas; os seus acrescentos e ainda o nascimento de alguns significativos imóveis de raiz dão a conhecer o nível de erudição em termos artísticos dos seus proprietários e sobretudo como é que as mensagens de cariz artístico eram veiculadas e interpretadas, prin-

cipalmente no século XVIII, época que confere a unidade de estilo dos imóveis analisados.

A região do Vale do Sousa irradia nobreza e contém documentos arquitectónicos dignos de nota que documentam toda a história da vida do homem, da sua vida social e dos seus gostos artísticos, por isto merece ser conhecida e reconhecida.

Deste modo, é possível conhecer neste artigo a descrição de nove casas nobres lousadenses integradas no território do Vale do Sousa, todas de cariz rural.

De notar que nesta revista serão conhecidos apenas três imóveis, representando, por isso, uma 1.^a parte do trabalho.

2. Casas Nobres do Concelho de Lousada

2.1. Casa de Juste

A casa de Juste é um solar nobre que se encontra na freguesia de Torno. O seu enquadramento é rural e está em óptimo estado de conservação tendo sido adaptado para Turismo de Habitação. Como a maioria das outras casas nobres, apresenta elementos de várias épocas e portanto, de diferentes gostos artísticos. A sua datação primitiva remonta ao século XIV, mas a casa que se apresenta neste momento é sem dúvida marcada pelo estilo arquitectónico de finais do século XVII, inícios do século XVIII. (Fig.1)

Este solar terá tido três etapas construtivas, sem contar com algumas alterações efectuadas no século XX, de que se trata no final. Deste modo, esta casa apresenta vestígios de uma construção medieval que poderá ter sido uma torre de defesa datada do século XIV, que terá desaparecido no século XVI aquando da ampliação do corpo que a continha e que corresponde ao corpo lateral direito em relação à fachada que se vê hoje. Aqui, e na face que se



Figura 1. Fachada Principal da Casa de Juste



Figura 2. Panorâmica do jardim e das traseiras da casa

encontra voltada para o jardim interior (Fig.2), vislumbra-se a porta original da torre, rematada por um elemento decorativo com volutas já acrescentado nos finais do século XVI. (Fig.3) Está patente ainda, como testemunho deste período a parte de cima do que teria sido uma pilastra, rodeada agora



Figura 3. Porta original da torre

de um aparelho de alvenaria simples e cujas oscilações e diferentes tonalidades atestam bem as mudanças nas diferentes épocas. Ainda de destacar neste corpo o seu remate com um friso simples e uma fina cornija estriada ou com meia-cana. De registar no primeiro andar a abertura de três janelas simples e já de fábrica moderna, no rés-do-chão, e a acompanhar a porta que seria da torre do seu lado esquerdo, uma janela simples de guilhotina. Do seu lado direito outra janela de guilhotina mais pequena, e a seguir a esta, outra janela com a particularidade de ter a encimá-la um elemento decorativo com a forma de três triângulos incisos em cadeia, enquadrados num rectângulo também ele inciso na parede. (Fig.4)

Ainda neste corpo, na parede que estabelece a ligação entre a face que dá para o jardim interior e a face que dá para o lado contrário, vê-se uma janela de sacada com uma moldura de cantaria simples que remata apenas com um leve pronunciamento côn-



Figura 4. Janela com pormenor decorativo



Figura 5. Portal com ameia e corpo arquitectónico correspondente à cozinha

cavo, terminando em cantos rectos. A varanda desta janela tem ainda a rematá-la inferiormente como, se fosse uma mísula, um suporte em gradação de diferentes frisos. Por baixo desta encontra-se outra janela de guilhotina, também ela de fábrica recente. Estão presentes, também, janelas de sacada igual a esta que foi descrita na face exterior deste corpo, em número de quatro estando estas ladeadas por um modilhão de rolo de cada lado, excepto a última que fica encostada à parede, sendo por isso um total de sete modilhões, isto no primeiro andar. No rés-do-chão alinham-se duas portas de moldura simples e duas janelas de guilhotina também de moldura simples, dispostas com a seguinte sequência: uma porta, as duas janelas seguindo-se depois a outra porta. Esta última terá sido, no entanto, um vão, pois possui uma moldura que não chega ao chão. Deste modo, este corpo vai desembocar a norte na fachada principal e a sul na parede que corresponderá à cozinha com uma chaminé que não se dissocia da parede à qual está ligado um portal encimado por uma ameia que dá para o jardim interior (Fig.5). Do outro lado está também ligado a este pequeno portal um anexo. Ainda de notar é o tanque que se encontra perto deste anexo, encimado por um elemento decorativo constituído por parras e cachos de uvas, folhas de acanto

no remate e uma forma sinuosa na parte inferior destas.

A fachada principal (Fig.6) é longitudinal de corpo rectangular com ligação à capela através do corpo que se ergue nas traseiras da mesma, uma vez que a capela se encontra recuada em relação ao corpo principal. Assim, a fachada principal é constituída por o rés-do-chão e primeiro andar. É aqui visível uma maciça escadaria de um só lanço que faz a ligação para o primeiro andar, esta possui um embasamento saliente a toda à volta tendo no começo do lanço dois motivos decorativos com volutas ou em espiral, um de cada lado. No começo do patamar

estão presentes outros dois motivos iguais. Neste mesmo patamar ou soleira vê-se uma espécie de balaustrada, como um pequeno varandim que enquadra a porta de entrada do primeiro andar. Aqui são visíveis quatro curiosos elementos decorativos, dispostos dois de cada lado que possuem uma forma sinuosa que desemboca em ponta de seta. Estes elementos, julgam-se ser precisamente do mesmo período e do mesmo local que a porta de entrada do primeiro andar que se pensa estar datada entre o século X e o século XII. Terá, pertencido, segundo informação do proprietário, a um mosteiro da região. A sua forma é muito interessante dando a sugestão de portal reentrante bem característico de um



Figura 6. Fachada principal da casa

mosteiro medieval, os seus toros geminados seguem para o seu centro formando duas meias-luas, estriadas criando uma gradação de estrias. Este portal tem ainda uma moldura em forma de arco abatido que tem ao centro e no seguimento da junção das duas meias-luas, um elemento decorativo inciso na pedra. Deste modo, o portal encontra-se ao centro da fachada principal e conseqüentemente do andar nobre. Tem a acompanhá-lo, neste andar, uma pequena janela quadrilobada, um modilhão, uma janela de sacada, outro modilhão, outra janela quadrilobada, o próprio portal enquadrado pelo varandim, outra janela quadrilobada, novamente um modilhão, uma janela de sacada, novamente um modilhão e por último outra janela quadrilobada: é esta a sequência da constituição do andar nobre da esquerda para a direita. Assim, estão presentes quatro janelas quadrilobadas, quatro modilhões que enquadram as duas janelas de sacada e, que por sua vez, tem a seguinte constituição: uma moldura de cantaria simples que remata com um pronunciamento côncavo ou em arco abatido terminando em cantos rectos, tal como se verifica nas janelas da parede que se encontra do lado direito do edifício, com a única diferença de que o remate é de moldura saliente. A varanda destas janelas tem ainda a rematá-las inferiormente como se fosse uma mísula, um suporte em gradação de diferentes frisos, tal como as varandas da outra parede já referida. Por baixo do suporte encontram-se ainda curiosos elementos decorativos em relevo com a forma de seis pontas de cada lado de um losango deitado. Este elemento já faz parte, no entanto, do rés-do-chão, onde se registam ainda dois vãos médios rectangulares. A sequência do rés-do-chão é portanto, o vão rectangular, o relevo, a escadaria, o outro relevo e o outro vão, sendo por isso muito mais simples que o primeiro andar. Por fim é de referir o remate da fachada principal que é o que se verifica à volta de todo o edifício, ou seja, um friso simples e uma fina cornija estriada ou com dupla-cana. A encimar o telhado existem ainda dois curiosos elementos decorativos, iguais aos que se observam no varandim, sendo, no entanto, neste caso, o primeiro deles mais grosso; verifica-se depois ao centro e no seguimento da linha do portal uma pequena pedra também ela com a forma de arco abatido que comporta duas pedras

de armas, tendo assim: na parte superior que nos dá a forma do arco uma primeira pedra de armas de princípios do século XVII que “foi mandada colocar na primitiva casa de Juste por Paulo da Cunha Coutinho, Sr. da casa pelo seu casamento com Vicência Borges de Sequeira. Assim nesta pedra a face heráldica consideremo-lá um campo que tem ao meio um escudete ovalado, o qual contém cinco escudetes postos em cruz, encimados por uma cunha, e que esta ladeado por oito cunhas, quatro a cada lado, estas alinhadas em duas faixas, postas duas a duas, as quatro cunhas superiores alinhadas em faixa com a cunha contida no escudete e as quatro cunhas inferiores alinhadas em faixa com os cinco escudetes contidos no mesmo, o qual escudete afigura-se-me estar rematado por um coronel, muito rudimentar, de que parece sair um paquife encimando as cunhas exteriores ao escudete, e com timbre. Na parte inferior do campo parece haver um elemento decorativo” (Nóbrega, 1999:58). Quanto à segunda pedra de armas, é possível dizer que desperta algumas dúvidas, sendo por isso avançadas duas interpretações para a mesma. Antes de avançar para estas interpretações de Artur Vaz-Osório da Nóbrega há que referir que esta pedra foi mandada esculpir por Heitor Borges Barreto, então senhor da casa de São João da Macieira (século XVII). Na primeira interpretação estabeleceu-se a possibilidade de Heitor Borges Barreto ter recebido uma Carta de Brasão de Armas, com as armas dos Barretos, plenas, tendo por diferença um crescente, ou um minguante. O canteiro que terá feito este brasão terá podido recorrer apenas, ao exemplo da descrição e não à iluminura que lhe corresponde, colocando assim o crescente (ou o minguante) na parte inferior do escudo, - “e no caso de se tratar de um crescente, este ficaria ao contrário para facilitar uma melhor acomodação desta figura em relação às três mosquetas postas em roquete” (Nóbrega, 1999:67). Na segunda interpretação vemos a hipótese de Heitor Barreto não ter uma carta de armas e “pretendendo mandar esculpir uma pedra de armas, compôs o escudo com as armas de Barreto, por seu pai, Heitor Borges Barreto, e as de Pinto, por sua mãe [...] Catarina Pinto Teixeira [...]. Pela possível ignorância heráldica de Heitor Borges Barreto, e por dificulda-

des do canteiro, resultaram umas armas plenas com as seguintes peças: três mosquetas das armas dos Barreto, postas em roquete, e um crescente das armas dos Pinto, posto ao contrário em ponta” (Nóbrega, 1999:68). Deste modo poderá chegar-se à conclusão de que através do casamento se juntaram as famílias da casa de São João da Macieira e da Casa de Juste, isto durante cerca de dois séculos. É possível ver através desta análise que a descodificação deste brasão não se apresentou fácil, nem para um especialista em heráldica, no entanto, a sua composição formal é mais facilmente perceptível “*tendo assim um escudo francês moderno, com correia de suspensão desapertada, com elmo grosseiramente representado gradeado, voltado a três quartos para a direita”*, rodeado por ornatos em forma de folhas de acanto que em heráldica chamamos paquife. “*Sem ter timbre, por mutilação. Contém dentro do escudo as armas dos Barretos representadas somente por três mosquetas postas em roquete, e as armas dos Pintos representadas somente por um crescente, posto ao contrario (minguante) em ponta.”* (Nóbrega,1999:63-64)

Continuando agora a descrição da fachada principal temos a seguir à pedra de armas mais dois curiosos elementos decorativos iguais aos primeiros referidos, sendo agora o último mais grosso. A rematar a fachada lateralmente e a ligá-la às paredes laterais observam-se as pilastras ou cunhais lisos que possuem na parte superior um fino colarinho, um equino liso e um ábaco estriado que termina no friso liso que rodeia o edifício. A ligar as paredes laterais à parede traseira encontramos a mesma solução de cunhais. Antes de passar para a descrição de outra parte do edifício, é pertinente ainda mencionar, que outrora a fachada principal tivera do seu lado direito em cima do telhado, um compartimento, uma espécie de águas-furtadas que possuía duas simples janelas de guilhotina, espaço que já não existe.

Na parede do lado esquerdo da fachada está presente uma janela manuelina (Fig.7), que se acredita encontrar-se neste local, devido a uma cobrança feita pelo então dono da casa o capitão-mor de Lousada



Figura 7. Janela Manuelina

que teria direitos, até, sobre Vila do Conde. Assim a janela seria o pagamento de uma dívida ao capitão-mor.¹ Esta janela encontra-se em destaque uma vez que é o único elemento desta parede. É constituída por três molduras, a primeira a contar de dentro para fora é uma moldura em forma de corda, usada nas caravelas portuguesas, da época dos descobrimentos e por isso tipicamente manuelina, que termina ao centro numa carranca ou cabeça de serpente, que representa os animais encontrados nos novos continentes descobertos, e que por sua vez, se encontra ladeada por duas cruzes gregas relevadas, uma de cada lado, de carácter invulgar, uma vez que os seus braços além de serem iguais são em forma de pequenos losangos. A outra moldura é em pontas de diamante salientes, a última é por sua vez, lisa e incisa na pedra de uma forma côncava. A forma da janela, e por sua vez das molduras, é semi-quadrangular, porque termina em forma de dois semicírculos. Em cima da junção dos dois semicírculos está inciso um pequeno losango interrompido, que por sua vez será o remate do que parece ser um astrolábio inciso, instrumento que tanto ajudou os

¹ Informação prestada pelo proprietário, Sr. Fernando Guedes.

navegadores portugueses. Por cima deste vão e a ladear o possível astrolábio, estão presentes ainda dois elementos decorativos incisos em forma de volutas nas pontas. A parede onde se encontra esta janela vai terminar lateralmente num cunhal de ligação, mas, no entanto, vai também entroncar com o começo da fachada da capela.

Quanto ao corpo que corresponde às traseiras da casa, é constituído por uma grande balaustrada de construção recente ao nível do primeiro andar e que é rica em elementos soltos e dispersos com interesse artístico de várias épocas. Assim a parede das traseiras contém três portas com moldura simples, tendo a segunda, da esquerda para a direita, um elemento decorativo inciso já muito apagado, mas que parece ser a cruz da ordem de malta, que terá também a ladeá-la em cada um dos lados um elemento decorativo em forma de flor de lis, também ele inciso, que representava a concessão de um grau hierárquico elevado a uma pessoa em particular dentro da ordem. Na terceira porta encontra-se também uma cruz de Cristo, incisa. À frente desta parede e sobre o rés-do-chão que é por isso mais largo que o primeiro andar, ergue-se a balaustrada suportada por colunas ou pilares boleados e de formas desiguais, que se pensa serem medievais e não pertencerem de todo, à realidade da arquitectura civil, mas sim à da arquitectura religiosa, podendo mesmo ser do mesmo local da porta da fachada principal. De acesso à balaustrada, dois lanços de escada, um de cada lado, de fabrico já recente, que partem, portanto, do rés-do-chão para o andar nobre. Quando terminam têm uma espécie de soleira que estabelece precisamente a ligação e que se encontra já no andar nobre, contendo inferiormente um espaço aberto e vazio que vai desembocar ao fundo numa porta de acesso ao rés-do-chão, isto em cada um dos lados respectivamente. No início destes lanços vêem-se ainda dois motivos decorativos com volutas enroladas parecendo em espiral, um de cada lado, sendo portanto, iguais aos que se encontram na escadaria da fachada principal, diferindo apenas no remate, tendo estes uma concha de vieira cada um, que pode representar a família Vieira de Melo ou então constituírem elementos alusivos aos caminhos de Santiago. No rés-do-chão está presente ainda, uma porta ao centro que se encontra ladeada

de quatro janelas quadrilobadas, mais especificamente, duas de cada lado. Dos elementos soltos que aqui se encontram, observam-se: um pedestal que mais parece uma coluna, e que se encontra na “soleira” do lanço do lado direito, também ao cimo deste lanço encontramos no que terá sido uma das janelas da capela agora tapada, e que serve precisamente para albergar, uma curiosa estatueta de aspecto muito rudimentar e antigo, assemelhando-se mesmo com as deusas dos tempos pré-históricos. Anteriormente encontravam-se ainda na balaustrada duas estátuas que parecem ser neoclássicas e que estão actualmente no salão de eventos da casa. Da balaustrada é perceptível uma panorâmica para o jardim que se divide em três partes, numa primeira, a contar da balaustrada, vislumbra-se um pequeno jardim labiríntico estilo francês, na segunda parte encontramos uma zona relvada que contém no meio três pequenos lagos artificiais rectangulares em escada e cuja água provém de um grande tanque (Fig.8) que faz parte da terceira parte do jardim e que se pauta pela sua simplicidade, tendo apenas a



Figura 8. Altar barroco da capela da casa

encimá-lo três ameias curiosamente todas de formas diferentes, formas essas que se vão repetir ao longo de todo o muro deste jardim que possui igualmente estas ameias. De referir que as mesmas são recentes e meramente decorativas.

Quanto ao interior da casa, possui uma pintura em madeira recortada com o brasão da família, e duas cómodas antigas.

Por fim merece atenção, talvez o elemento mais significativo desta casa, a magnífica capela que no exterior é constituída da seguinte forma: encontra-se como já foi referido com o corpo recuado em relação à fachada principal, é marcadamente do século XVIII, tem ao centro uma porta de moldura muito simples e no seguimento da mesma vemos um pequeno óculo. A rematá-la ao cimo vemos uma moldura triangular a acompanhar a forma do telhado que nasce em cada um dos lados do équino liso e que se encontra interrompida ao centro onde vemos um arco sineiro encimado por uma pequena cruz latina ao centro e a ladeá-la dois pequenos pináculos, iguais aos que vemos também a encimar os cunhais que rematam lateralmente a capela, tanto na fachada como na parede traseira, no entanto, estes pináculos tem um pequeno pedestal a elevá-los. Os cunhais possuem colarinho, que se alonga formando a cornija estriada ao longo das paredes laterais da capela, por baixo deste, está também presente um friso liso que se prolonga do mesmo modo, criando assim desta maneira o mesmo friso e a mesma cornija do corpo principal da casa. O équino do cunhal ergue-se já, por isso, acima da linha do telhado da capela. Acima deste vê-se um ábaco estriado que serve de base ao pináculo. Na parede traseira da capela observam-se cunhais com a mesma estrutura com os mesmos pináculos e com a mesma moldura triangular, mas já não interrompida, ao centro desta e a encimá-la também uma pequena base sinuosa onde se ergue uma alta cruz latina. A parede em si é, no entanto, isenta de qualquer tipo de decoração sendo por isso lisa, tal como a parede lateral esquerda. Quanto à parede lateral direita possui dois vãos, duas janelas



Figura 9. Tanque ameado do jardim interior

portanto, uma tapada como já se teve oportunidade de constatar e outra cumprindo ainda a sua função natural.

Depois de descrito o exterior desta capela, é pertinente fazer pelo menos um breve apontamento sobre o seu interior, que constitui uma maravilha artística e um deleite para os apaixonados e apreciadores da arte barroca, isto porque vamos deparar-nos com um altar de talha dourada e policromada barroco (Fig.9), do chamado estilo nacional ainda em excelente estado de conservação. Esta capela terá duas épocas, o principio e o fim do barroco, o principio é marcado pela talha que se encontra ao centro e que terá vindo de outra capela, o que rodeia o centro será já talha dos finais do barroco. Ainda no interior desta capela observa-se pintado no tecto o brasão da família.

2.2. Casa da Bouça

A casa da Bouça é um solar nobre que se situa na freguesia de Nogueira. (Fig.10) O seu enquadramento é rural e encontra-se em razoável estado de conservação.

Para entrar neste solar passa-se por um grande portão, à frente do qual se vislumbra uma grande alameda que conduz até ao corpo da casa e seus jardins. (Fig.11) Logo que se chega ao portão tem-se a percepção de algo grandioso, vendo-se ao fun-



Figura 10. Fachada principal da Casa da Bouça

do da alameda o fontanário barroco de uma só taça, que se localiza precisamente à frente da fachada principal, no imenso terreiro que aí se encontra. (Fig.12) De notar que os elementos significativos não se encontram só ao fundo desta alameda, mas também a meio do seu percurso, onde é possível ver à esquerda uma pequena fonte de estrutura arquitectónica com uma decoração central, com uma

vieira incisa e abaixo desta uma carranca como bica. No que respeita à casa em si, enquanto estrutura arquitectónica, é difícil precisar a época exacta dos vários corpos que compõem o solar, uma vez que a sua estrutura foi sujeita a muitas alterações e acrescentos. Deste modo, torna-se também impossível estabelecer um número exacto de etapas construtivas. Contudo, pode-se afirmar que o corpo que



Figura 11. Portão que dá acesso à casa



Figura 12. Fontanário Barroco



Figura 13. Corpo mais antigo da casa

se encontra adossado à fachada posterior, é sem dúvida o mais antigo, pelas suas características. (Fig.13) É, desta forma, constituído por janelas de guilhotina no primeiro andar, ao qual se acede por uma escadaria de um só lanço cujo patamar é coberto por um alpendre sustentado por colunas. Resta referir que é todo em granito, sem qualquer tipo de pintura. Atrás deste corpo, alinha-se um outro corpo ou bloco que possui uma torre de “prestígio”, uma vez que é do século XIX e não medieval. Esta torre alinha-se do lado direito do referido corpo, (visto da fachada principal deste corpo) que, por sua vez é constituído por um alpendre com balaustrada que possui pilares que suportam o mesmo alpendre. (Fig.14) Assim a parede que se encontra atrás da balaustrada possui um lambrim de azulejos de figura avulsa pintados a azul e branco, (Fig.15) que são apenas interrompidos por três portas de moldura recta e lisa na verga superior, que segue para os lados estreitando a mesma a partir de aproximadamente um quinto. Uma das portas, alinha-se na parede lateral direita, para quem vê o corpo de frente. A dar acesso a

esta balaustrada uma escadaria de um só lanço que remata no início do mesmo, do lado esquerdo num elemento decorativo com volutas, sendo a voluta superior mais pequena e recuada e do lado direito, por sua vez, num pedestal com uma espécie de pináculo ovalado que segue para o seu lado direito numa balaustrada semicircular, composta por balaústres e que vai terminar igualmente com o mesmo tipo de solução de pedestal e pináculo, elemento decorativo este, que encima e marca o patamar de outra escadaria que dá acesso da casa para o jardim e vice-versa. Deste modo vislumbra-se assim a presença de outra

escadaria que faz ligação com a primeira pelo seu patamar. Esta segunda escadaria é também de um só lanço e possui no início dos corrimões sobre o segundo degrau um elemento decorativo com volutas, sendo a segunda mais pequena e recuada, tal como se verificou, no início do lanço do lado esquerdo da outra escadaria. A mesma permite, como já foi mencionado, o acesso ao jardim, mas também a toda a parte da casa que corresponde à localização da torre, torre esta que alberga a cozinha. No interior da mesma é possível observar, nas



Figura 14. Corpo Lateral Direito da casa e Torre de Prestígio



Figura 15. Azulejos de figura avulsa de estética azul e branca

suas paredes, azulejos de figura avulsa policromos (azul e amarelo), com cercadura. No exterior, à esquerda da porta da torre (direcção: de frente para a

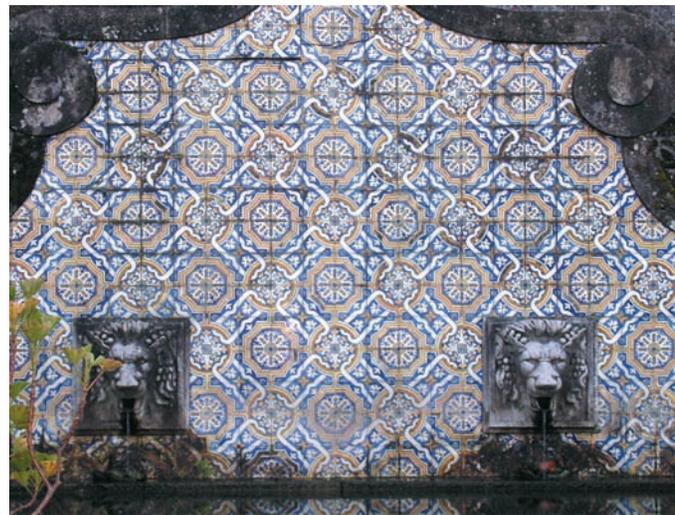


Figura 16. Espaldar de um grande tanque com azulejos policromos e duas carrancas

porta), está presente um grande tanque com espaldar muito recortado com volutas e preenchido com azulejos de padrão policromo e duas bicas com carrancas (Fig.16).



Figura 17. Vista central do jardim

Observando, agora com mais atenção o jardim a que uma das escadarias dá acesso, pode dizer-se que este se encontra num plano inferior em relação ao corpo principal da casa, e que constitui um dos exemplos de estrutura de um jardim barroco, labiríntico por excelência, com a presença de elementos escultóricos e de azulejos. (Fig.17) Contudo, é de salientar que as estátuas que se podem observar, dispostas por este jardim são do século XIX e são obra de Teixeira Lopes.² Deste modo resta agora referir o que representam cada uma destas estátuas e como se encontram dispostas

² Teixeira Lopes é um grande escultor dos séculos XIX e XX (1866-1942), natural de Vila Nova de Gaia, cidade onde existe actualmente uma Casa-Museu dedicada às suas obras. “Artista de técnica poderosa e subtil e de profundo sentimento plástico embebido de lirismo, foi um interprete admirável da dor humana, da beleza feminina e da graça infantil. Tendo recebido o influxo dos neoflorentinos, soube traduzir na sua arte os caracteres mais fortes e as emoções mais vivas e mais altas através da perfeita harmonia das formas. A palpitante humanidade de toda a sua obra atinge assim nobre estesia”. Uma das estátuas contém a assinatura do escultor.

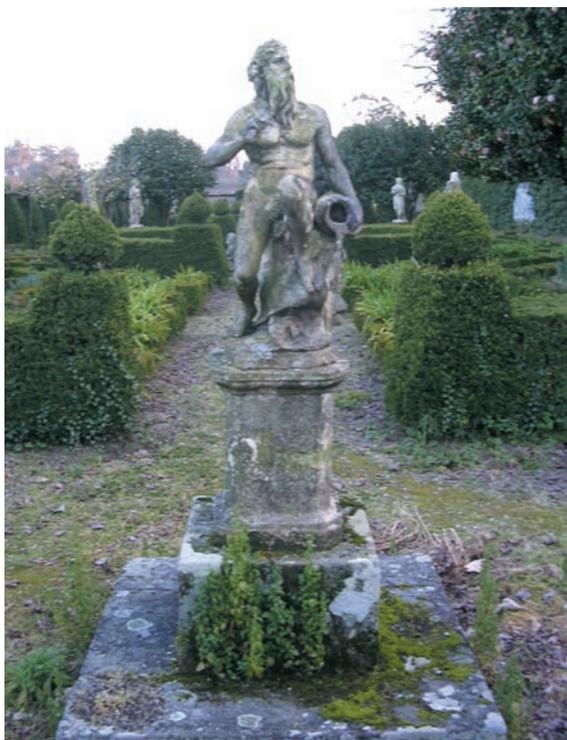


Figura 18. Estátua de "Douro"

tas. Ao entrar no jardim é de imediato visualizada a estátua do "Douro", (Fig. 18) ao prosseguir pelo jardim vê-se ao centro uma grande fonte composta pelo seu tanque circular que ao meio possui uma estrutura escultórica com um pedestal decorado encimado por um grande vaso, pedestal este, que tem adossado a si e a rodeá-lo quatro esfinges. (Fig. 19)



Figura 19. Tanque circular com esfinges



Figura 20. Estátua do "Inverno"

À volta desta fonte circular dispõem-se, atrás das sebes, quatro estátuas que representam as quatro estações. Deste modo, pode-se ver primeiro, (no sentido de quem entra para o jardim) a estatua do Inverno do lado direito (Fig.20), a do Outono do lado esquerdo (Fig.21), prosseguindo vê-se depois outra estátua do lado direito que será a Primavera (Fig.22) e do lado esquerdo alinha-se o Verão ou Estio (Fig.23) como se lia na base da estátua. Saindo do espaço central e seguindo em frente encontra-se uma outra estátua que se designa por "Tejo" (Fig.24), sendo esta a última estátua que se pode ver neste jardim. Esta mesma tem o olhar voltado para o lado esquerdo (no sentido de quem a olha de frente), onde se encontra precisamente, colado à parede, um magnífico azulejo de grandes dimensões do século XVIII, de estética azul e branca, dominante na azulejaria portuguesa entre o século XVII e o século XVIII. (Fig. 25) Este azulejo representa um dos continentes, neste caso a América, representada por uma dama sentada num coche, segurando as rédeas do cavalo. A acompanhá-la, pousado numa das extremidades do coche, um cúpidos. Toda esta composição figurativa central é



Figura 21. Estátua do "Outono"



Figura 23. Estátua do "Verão"



Figura 22. Estátua da "Primavera"



Figura 24. Estátua do "Tejo"



Figura 25. Azulejo de estética azul e branca

rodeada por uma cercadura, que é em cada um dos cantos representada pela figura de meninos alados ou “putti” que parecem suportar todas as envolventes folhagens que se representam nesta cercadura. Para finalizar a análise deste azulejo, resta salientar que se encontra em progressivo estado de degradação. De salientar, ainda, que no interior da casa se encontram painéis de azulejos como este, representando os restantes continentes.

No que respeita agora à parte arquitectónica mais significativa da casa, a fachada principal, ela é datada de finais do século XVIII e composta por rés-do-chão e primeiro andar³. Ao nível do rés-do-chão pode observar-se, na sequência da esquerda para a direita, três janelas de guilhotina com moldura lisa, de verga superior recta, que se alonga lateralmente, afunilando depois, seguindo para baixo onde quase a chegar aos cantos da verga inferior, se volta a alongar fazendo, deste modo, os cantos com ângulo recto saliente, que volta mais uma vez a afunilar, desta vez para dentro, para formar a moldura, agora recta da verga inferior. De referir também que estas janelas possuem um resguardo em ferro forjado. A

seguir, alinha-se a porta de entrada principal com a verga superior em forma de arco abatido com cantos rectos e com duas molduras, ou, dupla-moldura, uma vez que estas duas molduras lisas são demarcadas por um finíssimo friso de meia-cana saliente que marca também a forma do arco abatido com cantos rectos e que tem ao centro uma chave em forma de cunha. Os pés-direitos desta porta imitam inferiormente uma pilastra sobre um altíssimo plinto, com uma escócia, apenas sugerida pelo arredondamento dos cantos. Depois da porta de entrada estão presentes ainda mais três janelas de guilhotina iguais às outras três refe-

ridas o que perfaz, deste modo, um total de seis janelas alinhadas no rés-do-chão. No que diz respeito ao primeiro andar, alinham-se nove janelas de sacada, tendo as três centrais a sacada geminada. Estas janelas de sacada são compostas por uma verga superior recta que se alonga lateralmente um pouco, afunilando depois, seguindo para baixo, onde quase a chegar aos cantos da verga inferior se volta a alongar, tal como as molduras das janelas do rés-do-chão, apenas com a diferença de que inferiormente já não faz ângulo recto, mas segue até à sacada ou varanda. Por sua vez, esta última tem um suporte com moldura estriada suportado por duas mísulas de rolo com uma espécie de friso inferior com decoração de três gotas. As mísulas posicionam-se uma de cada lado do suporte da sacada. A varanda possui um resguardo de ferro forjado. Todas as janelas do primeiro andar têm esta estrutura, menos as três centrais que possuem toda a sacada geminada, como já foi referido, e das mísulas serem apenas quatro, quando deveriam ser num total de seis, se cada janela tivesse a sua sacada separadamente, como acontece com as três janelas do

³ Embora a data da casa e muitas das suas características a insiram estilo barroco, ela evidenciam-nos já, algumas características de gosto neoclássico, o que nos deixa adivinhar a erudição e o conhecimento das novas formas artísticas por parte do arquitecto deste imóvel. Assim são visíveis, alguns elementos neoclássicos, como por exemplo, o frontão triangular.

lado esquerdo e direito. De notar que o facto destas janelas centrais serem geminadas pela sacada tem um propósito concreto, que é precisamente o de destacar a parte central da fachada que possui, para além desta forma construtiva de destaque, outra que se vai verificar noutras casas do Vale do Sousa, que é o centro estar separado dos seus lados por pilastras, que percorrem todo o rés-do-chão e o primeiro andar. Estas pilastras, formam uma espécie de moldura, ligando-se superiormente por um friso que parte do seu équino liso. Quanto ao seu ábaco, é estriado e alarga-se formando a moldura do frontão triangular que se ergue a coroar a parte central do edifício. De salientar que estas pilastras têm ainda uma outra pilastra debaixo de si sendo apenas visível da mesma metade. Esta possui, por sua vez, uma estrutura diferente, parecendo mesmo mais antiga do que aquela que se lhe sobrepõem, deixando a dúvida se eventualmente a moldura não será um elemento posterior à construção da fachada. Estas pilastras partem de uma altíssima base ou plinto e têm uma escócia de cantos arredondados.

Por conseguinte, resta em relação à fachada, descrever de uma forma mais pormenorizada o frontão e referir os remates que limitam a mesma.

Assim, e no que diz respeito ao frontão, ergue-se ao centro do edifício e sobre a moldura criada a partir das pilastras, como já foi mencionado. O seu tímpano possui ao centro um brasão de armas, que aí foi colocado na segunda metade do século XIX, a mando do Dr. Henrique Cabral de Noronha e Meneses, na altura proprietário da Casa da Bouça. Este brasão é de granito e é constituído por “*um escudo francês moderno, assente numa cartela decorativa. Tem elmo gradeado, voltado a três quartos para a direita, com timbre de metal dos Castelo-Branco. De trás do motivo decorativo inferior ao escudo surgem as pontas, com fivela e biqueira, de uma suposta correia de suspensão desapertada. O escudo é de composição esquartelada, possuindo o primeiro quartel as armas dos Castelo-Branco – um leão; o segundo quartel as armas dos Cabrais – duas cabras passantes, uma sobre a outra; o terceiro quartel as armas dos Araújo – aspa carregada de cinco besantes e no quarto quartel as armas dos Meneses (moderno) – são as suas armas: de ouro, com a sombra de um anel e nele encostado um rubi*

que está voltado para o cantão sinistro da ponta, enquanto que na pedra de armas o anel tem o rubi voltado para o chefe – o que confere com a carta de brasão de armas” (Nóbrega, 1999:7-8).

Para finalizar a descrição da fachada resta salientar os remates. Deste modo a rematar lateralmente a fachada está presente a solução de cunhais em cada um dos lados constituídos por pilastras, compostas inferiormente por um grosso dado, um plinto liso e uma escócia de cantos arredondados e superiormente por um fino colarinho, um équino liso e um ábaco estriado. Acima do ábaco vê-se um friso liso e uma cornija estriada, que se salienta no seguimento da pilastra e que parece formar outro équino e outro ábaco. Este friso e esta cornija são assim o remate superior da fachada só interrompida pela moldura que antecede o frontão na parte central. A rematar ainda as pilastras, acima da linha do telhado observa-se um pináculo pontiagudo sobre peanha.

Assim se conclui a descrição da fachada principal passando agora para a parede lateral esquerda que é constituída de uma forma peculiar por três secções, sendo a segunda secção correspondente ao corpo da capela. Desta forma se analisará a primeira e terceira secção juntas, individualizando a descrição da segunda secção que corresponde à capela. Por conseguinte, ao nível do rés-do-chão estão presentes três janelas de moldura exactamente igual à moldura das janelas do rés-do-chão da fachada principal. A primeira e a segunda janela (no sentido da esquerda para a direita) são de guilhotina e possuem resguardo de ferro forjado, enquanto a terceira possui só a moldura, encontrando-se tapada. Ao nível do primeiro andar é possível encontrar mais três janelas de guilhotina iguais à primeira do rés-do-chão, não possuindo, no entanto, resguardo de ferro. Quanto à capela (Fig.26) posiciona-se de uma forma avançada e destaca-se pela pintura de cor diferente da casa, sendo esta última pintada de branco e a capela pintada de amarelo-torrado. É composta por um porta de entrada com a verga superior em forma de arco abatido com cantos rectos, cujos pés-direitos se alongam um pouco desde que partem da verga superior, afinando depois, seguindo para baixo até ao chão. A ladear esta porta registam-se duas janelas quadrilobadas, uma de cada lado. Acima da porta ergue-se também, uma janela,



Figura 26. Fachada da Capela da casa

mas desta vez polilobada. A rematar superiormente a fachada da capela vislumbra-se um frontão triangular, com o tímpano vazio. A coroar este frontão ao centro, no seu vértice, uma cruz latina, e a ladeá-lo dois vasos sobre peanha. A rematá-la, observa-se a já referida solução de cunhais, constituídos por pilastras, exactamente iguais do ponto de vista da estrutura, às pilastras dos cunhais da fachada principal. A capela possui estes cunhais porque, uma vez, que se encontra avançada em relação à parede onde está inserida, cria portanto paredes laterais ainda que muito estreitas. Na sua parede do lado direito vê-se mesmo um pequeno vão em arco pleno com cantos rectos e que contém no seu interior o sino. Há que referir ainda que, à frente da capela, adossado ao muro, se vê a entrada para o que parece ser uma passagem subterrânea ou simplesmente um poço. Esta entrada tem a encimá-la uma espécie de frontão de lanços formado por folhagens.

Quanto à parede lateral direita da fachada principal, verificam-se também janelas de guilhotina e de sacada, exactamente com a mesma estrutura das já referidas até aqui, não merecendo por isso agora uma descrição pormenorizada. É apenas de salien-

tar que aqui se encontra um elemento decorativo novo, que parte do friso que remata a parede, e que tem a configuração da parte de cima de uma pilastra com équino e ábaco, mas que não segue até ao chão, terminando como uma mísula numa forma contracurvada, que converge para o meio num pin-gente. Esta parede liga com o corpo com balaustrada que por sua vez liga com a torre.

Como foi possível observar, esta casa é um conjunto de corpos de vários tamanhos, feitos e de diferentes espaços temporais. A sua dinâmica de conjunto é a de volumes escalonados e mesclados entre si, sendo a abertura de vãos absolutamente surpreendente, especialmente na fachada principal. Contudo, não se fica por a conjunção de corpos e reparte-se por espaços amplos como o do terreiro, e espaços verdes, repletos de obras de arte, como é o caso do jardim.

2.3. Casa do Campo

A Casa do Campo, como é vulgarmente conhecida, é uma casa nobre que se situa na freguesia de Nogueira (Fig.27). O seu enquadramento é rural e isolado, encontrando-se em péssimo estado de conservação.

Esta casa apresenta indícios de ser de finais do século XVII, inícios do século XVIII. Era seu senhor no século XVIII Sebastião Carneiro de Carvalho e Vasconcelos, que aqui nasceu em 5-3-1731 e que mandou esculpir a pedra de armas que se encontra no portão da casa. (Nóbrega, 1999:17)

Este imóvel é de pequenas dimensões, tendo apenas rés-do-chão. No entanto, apresenta algum requinte nos seus elementos decorativos, que para as dimensões da casa se poderão considerar abundantes. Deste modo, a casa contém, na sequência da esquerda para a direita, um portal rasgado na parede que dá seguimento à fachada principal (Fig.28). O mesmo tem uma forma recta ao cimo que arredonda os cantos para dentro, cantos estes, que vão de encontro a um bloco de pedra, que possui agarrado a si uma faixa de azulejos de estética azul e branca com motivos vegetalistas ou fitomórficos. Estão presentes a rematá-lo lateralmente duas faixas de azulejos, uma de cada lado (Fig.29), iguais à mencionada anteriormente, mudando apenas na for-



Figura 27. Fachada Principal da Casa do Campo

ma do azulejo na parte de cima, que se apresenta agora com um recorte arredondado, assemelhando-se ao bojo de um vaso. Também na parte inferior o motivo é diferente, estando assim desenhado uma espécie de base ou pequeno vaso, que serve de início ao motivo vegetalista. Portanto, evidencia-se neste azulejo uma sequência lógica de início e fim

de um vaso com as suas folhas. Resta pois, aludir ao facto deste portão ser rematado por uma pedra de armas, já mencionada, contudo, reclamando ainda uma justa descrição. Trata-se de uma pedra de armas em granito, de meados do século XVIII, com composição esquartelada. “No primeiro quartel vemos as armas dos Vasconcelos – três faixas veiradas,



Figura 28. “Portal” armoriado



Figura 29. Faixa de azulejos de estética azul e branco

no segundo as armas dos Carvalhos – uma estrela de oito pontas, encerrada numa quaderna de crescentes; no terceiro as armas dos Carneiros - uma banda carregada de três flores-de-lis e acompanhada de dois carneiros passantes que nesta pedra de armas apresenta uma barra e os dois carneiros estão postos e alinhados em banda; no quarto quartel as armas dos Silvas – um leão. Este escudo é de fantasia, com correia de suspensão, e elmo gradeado, posto de frente, assentes numa cartela de inspiração rocaille.” (Nóbrega, 1999:14-17) De referir, ainda, que este brasão tem a rematá-lo inferiormente um relevo que ao centro possui uma saliente folha de acanto.

Prosseguindo agora com a descrição da fachada principal, esta é constituída apenas por duas janelas e uma porta que se alinha ao centro e, por isso, no meio destas. Contudo, estas janelas e a porta não são vulgares. As janelas são em forma de arco conopial ou contracurvado com as molduras revestidas por uma faixa de azulejos de estética azul e branca, iguais aos já referidos e tem ainda um resguardo em ferro a envolvê-las. Quanto à porta, também é em forma de arco conopial, de moldura simples que parece alargar-se em sentido ascensional para formar o friso liso, que por sua vez, tem imediatamente acima uma cornija estriada que acaba, do seu lado esquerdo, numa pequena voluta, que denuncia mesmo, o chamado olho de voluta e que vem entroncar com a pedra de armas. A porta principal vê ainda erguer-se à sua frente, para lhe dar acesso, uma escadaria semicircular de um só lanço. A rematar a fachada acima da linha do telhado vemos seis ameias.

3. Conclusão

Chegando ao fim do estudo urge tirar ilações sobre o que foi proposto, para que se possa assim cumprir os objetivos iniciais.

Deste modo, há que estabelecer elementos comuns entre as casas analisadas e elementos que predominam de uma forma mais ou menos sistemática na maioria delas. No entanto, é preciso salientar que, nesta 1.^a parte do estudo, foram apresentados apenas três imóveis, pelo que a observação do estudo será ainda um pouco limitada por parte do leitor, ficando

desde já aqui a promessa, da publicação da descrição dos restantes imóveis numa próxima edição.

Antes de evidenciar os elementos comuns entre os imóveis convém, que esclarecer alguns pontos que tem apresentado problemas de interpretação a quem se debruça sobre o estudo da arquitectura nobre.

Concomitantemente, a classificação de uma casa como quinta ou solar nem sempre é suficientemente claro ou estanque. Casas todos os imóveis são, pois é precisamente, um “*edifício destinado à habitação de uma ou várias famílias*” (Teixeira, 1985:56). Quintas, já só são aquelas “*propriedades rústicas, cercadas ou não de árvores, com terra de sementeira e geralmente casa de habitação*” (Almeida, Sampaio, 1982:1183), ou seja, é todo o conjunto da casa de habitação que possua à sua volta terra de cultivo. A designação de solar é que levanta mais problemas, tendo varias definições. “*O solar é uma construção arquitectónica mais ou menos importante, residência principal onde, em princípio, os senhores de uma propriedade rural habitavam. Por vezes ficaria no centro da propriedade, outras vezes próximo da estrada ou caminho, consoante as zonas, as épocas e o gosto dos proprietários. [...]os grandes solares, [...]ficam no meio das terras senhoriais e alguns pequenos junto à estrada.*” (Binney, 1987:6) Portanto, “*não era pois, uma mansão palaciana ou o paço realengo [geralmente situados em contexto urbano], mas a casa armoriada de linhas tradicionais e que pelo seu carácter rude ou castiço revela um tipo de arquitectura que define e marca uma corrente de arte bem portuguesa*”.

Deste modo, todas elas são casas, mas só algumas solares ou quintas.

Uma vez que o estilo dominante é o barroco do século XVIII, com algumas heranças do século XVII, é inevitável usar como base e sustentação desta análise as características avançadas para as casas e solares deste período pelo estudioso Carlos de Azevedo, na sua obra “*Solares Portugueses*”. Assim começa por constatar-se que a divisão de rés-do-chão utilizada para arrecadações e o primeiro andar ou andar nobre que é utilizado para residência por excelência, revela-se de forma muito evidente nestas casas, apresentando um segundo an-

dar muito raramente. No que toca às plantas das mesmas, começam a apresentar maior regularidade, desenvolvendo-se em comprimento, a partir do século XVII, chegando mesmo ao que Carlos Azevedo chama de “planta comprida”, no século XVIII, verificando-se precisamente na região em estudo plantas rectangulares alongadas. Em suma, longas fachadas, repartem-se por dois andares – rés-do-chão e primeiro andar e seguem em comprimento como já foi referido. No entanto, a sua planta alongada vai geralmente de encontro a uma capela que se dispõe a um dos lados, sendo assim o tipo de planta mais frequente o de “*casa com capela na fachada*”, como podemos observar, por exemplo, na Casa de Real.

Conhecido já o tipo de estrutura a nível de andares, urge referir o tipo de disposição e dinâmica das aberturas e vãos que assim se repetem estando encaixadas na fachada num esmagador alinhamento e sequência de fenestração, observando-se assim múltiplas aberturas, geralmente janelas de guilhotina no rés-do-chão e janelas de sacada no andar nobre, isto para enobrecer este mesmo andar, destacando-o. O tipo de molduras de janelas predominantes, são as de forma de arco abatido com cantos rectos, tendo logo a seguir a solução de vergas rectas, e depois a verga superior em forma de arco conopial ou contracurvado, uma forma mais requintada e, por isso, das três, a mais rara. É ainda visível a utilização de pequenas janelas quadrilobadas essencialmente na fachada da capela adossada à casa.

É, desta forma, evidente que estas casas se identificam claramente com as características do século XVIII de uma sequência rítmica das janelas que se imprimem mecanicamente em direcção ao centro da fachada. Este movimento é ainda aqui acentuado em algumas casas por pilastras que ladeiam estas janelas e geralmente a porta principal que se alinha ao centro, dividindo a fachada e os seus vãos em secções que evidenciam e destacam a parte central. O rés-do-chão e primeiro andar são também diferenciados por um friso. É possível ver esta característica na Casa de Ronfe, por exemplo. As escadarias apresentam-se por sua vez, em profundidade, sendo aqui dominante a forma de um só lanço, rareando a solução de dois lanços opostos com balaústres, visível apenas na Casa de Vila Verde.

Muitas destas escadarias apresentam as guardas, com um elemento decorativo em forma de voluta, como se pode ver, por exemplo, na casa da Argonça.

No século XVIII há ainda um gosto pela monumentalidade e pelas formas pronunciadas. No entanto, as casas nobres rurais portuguesas são de pequenas dimensões, como esclarece mais uma vez Carlos Azevedo, atestando o presente estudo isso mesmo, na região e no concelho em questão. Observam-se mesmo alguns pequenos exemplos de rara beleza, como é o caso da Casa do Campo, ainda que actualmente em ruínas.

Decoração exuberante não é nesta região muito frequente, atestando, por isso, o carácter conservador e simples da arquitectura solarenga do Norte, tendo apenas, quando existe, lugar na fachada ou no interior da capela.

Há ainda a registar que a pedra de armas ou brasão é um elemento fundamental, nesta época (Azevedo, 1993:6), na casa nobre, oscilando na sua localização de colocação entre o portão principal e o frontão da fachada principal. Quando colocado num portão, confere ao mesmo o nome específico de portão armoriado, quando colocado na fachada, destaca a parte central da mesma, onde geralmente se dispõe dentro de um frontão e para onde converge a sequência das aberturas.

As pedras de armas motivam o aparecimento, por isso, de frontões de forma geralmente contracurvado que confere um movimento ondulante à fachada, solução muito explorada na época barroca. (Azevedo, 1993:10). O brasão assenta geralmente numa cartela rocaille.

Quanto aos remates destes edifícios é frequente, superiormente, um frontão, ou um friso liso e uma cornija estriada ou então os dois juntos, bifurcando-se muitas vezes o frontão para formar o dito friso e a dita cornija. Quanto aos remates laterais verifica-se a solução de cunhais constituídos por pilastras com dado, plinto liso e escócia boleada e, na parte de cima da mesma, um colarinho fino, um équino liso e um ábaco estriado.

Resta, por último, mencionar, os jardins, geralmente labirínticos, repletos de estátuas e azulejos, como é possível ver na Casa de Ronfe e na Casa da Bouça.

Bibliografia

Fontes impressas

AZEVEDO, C. (1969) - *Solares Portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte.

AZEVEDO, J.C. (1993) - *Portugal: História, Arte e Cultura*. Tomo III e VI. Lisboa: Euro-formação.

AZEVEDO, J.C. (1993,1994) - *Portugal Monumental: inventário ilustrado do Douro Litoral*. Tomo III. Algés: Edições Nova Gesta.

BINNEY, M. (1987) - *Casas Nobres de Portugal*. Lisboa: Difel.

BORGES, N.C. (1986) - *Barroco e Rocóco*. In *História da Arte em Portugal*. Vol. 9. Lisboa: Alfa.

GOMES, P. (coord.) (1996) - *Lousada Terra Prendada*. Paços de Ferreira: Anégia Editores.

GOMES, P. (coord.) (2002) - *À descoberta do Vale do Sousa – Rotas do património edificado e cultural*. 2ª edição. Paços de Ferreira: Anégia Editores.

MECO, J. (1989) - *O Azulejo em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa.

NÓBREGA, A.V.O. (1999) - *A Heráldica de Família no concelho de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

PEREIRA, P. (dir.) (1997) - *Historia da Arte Portuguesa*. 2ª edição. Vol. III. [s.l.], Temas e Debates.

PEREIRA, J.F. (dir.), (1989) - “Solar” in *Dicionário de Arte Barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença. Págs. 458-460.

SILVA, A. L.P. (1959) - *Nobres Casas de Portugal*. Vol. II e III. Porto: Livraria Tavares Martins.

SMITH, R.C. (1962) - *A Talha em Portugal*. Lisboa: Livraria Horizonte.

TEIXEIRA, L.M. (1985) - *Dicionário Ilustrado de Belas-Artes*. Lisboa: Editorial Presença.